

Representações das mulheres na imprensa local – *O Ilhavense* na década de 1950¹

Sara Vidal Maia²

Maria Manuel Baptista³

Moisés de Lemos Martins⁴

Resumo: Este artigo é resultado de uma peculiar discussão acerca dos *micro* níveis relacionais de poder e das representações identitárias que circulam nos discursos das mulheres que escrevem e publicam no jornal *O Ilhavense*, na particular década de 1950. A avaliação dos dados recolhidos, e a discussão sobre os perfis da mulher-autora, são realizados com o auxílio da técnica da análise de conteúdo. Num contexto em que as práticas sociais estão envolvidas em relações de poder e discursos que marcam a dualização da identidade de género, revela-se fundamental interpretar as dinâmicas presentes neste periódico, utilizando uma estratégia teórico-prática que prevê uma revisão bibliográfica, no âmbito dos Estudos Culturais, e uma aplicação prática a textos escritos que constituem uma espécie de *sintomas* da *realidade* social vivida por estas mulheres.

Palavras-chave: Estudos Culturais; discursos de poder; identidade de género; imprensa local; análise de conteúdo

1. Estudos Culturais, discursos de poder e identidade de género

Os Estudos Culturais surgiram nos meados do século XX, em Inglaterra e França, provocando uma imensa reviravolta na teoria cultural, graças ao trabalho de analistas como Raymond Williams, Richard Hoggart, Edward P. Thompson, Stuart Hall, Lévi-

¹ Este artigo é representativo de uma parte da investigação de doutoramento em Estudos Culturais que decorre sob a temática *Representações sociais e dinâmicas de poder nas relações de género em Ílhavo, nas décadas de 1950 e 1960*.

² Doutoranda em Estudos Culturais, UA/UM; Mestre em Gestão e Planeamento em Turismo pela UA; Licenciada em História da Arte pela UC; Bolseira de doutoramento pela FCT, domínio das Ciências da Comunicação e Informação; Investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da UM (saravmaia@ua.pt).

³ Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da UA; Diretora do Programa Doutoral em Estudos Culturais, UA/UM; Doutora em Cultura pela UA; Mestre em Psicologia da Educação pela UC; Licenciada em Filosofia pela UP; Investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da UM (mbaptista@ua.pt).

⁴ Professor Catedrático da UM. Doutorado em Ciências Sociais, na especialidade de Sociologia, pela Universidade de Estrasburgo. Dirige o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da UM. Preside à Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação e à Confederação Ibero-americana das Associações Científicas e Académicas de Comunicação (moiseslmartins@gmail.com).

Strauss e Roland Barthes⁵, e às contribuições de importantes pensadores sociais como Louis Althusser e Antonio Gramsci. Todos estes teóricos tiveram um forte impacto na vida académica e intelectual da época, pois introduziram um novo campo interdisciplinar de estudos organizados em torno da cultura como conceito geral⁶, com diretrizes teóricas que procuravam aproximar as ciências sociais e humanas, o que permitiu alinhar as primeiras análises verdadeiramente culturais do mundo contemporâneo.

Os Estudos Culturais sempre revelaram interesse em analisar todas as práticas culturais intrínsecas ao contexto social, apresentando-se como uma área marcadamente interdisciplinar. Inicialmente reconhecida pela análise da cultura popular e de massas, a teoria dos Estudos Culturais facilmente se expandiu a outras áreas de estudo como, por exemplo, as análises do discurso, do poder, da identidade, das representações sociais e da posição das minorias.

Existe atualmente uma certa dificuldade em definir os Estudos Culturais, fruto da sua multidisciplinaridade e da possível exploração de infindáveis temáticas de estudo. Contudo, segundo Sardar e Van Loon⁷, isto não significa que qualquer coisa possa ser Estudos Culturais, e que Estudos Culturais possam ser qualquer coisa. De acordo com estes autores existem, pelo menos, quatro aspetos distintivos dos Estudos Culturais: 1) mostrar as relações existentes entre as práticas culturais e o poder; 2) identificar e analisar as práticas culturais dentro dos contextos sociais e políticos, pois a cultura é sempre vista como objeto de estudo e contexto da ação e da crítica; 3) expor e reconciliar a divisão do conhecimento entre o Eu e o Outro; e 4) avaliar a moral social e apontar linhas de ação.

Para os Estudos Culturais, a natureza destas práticas históricas, sociais, culturais e políticas dos sujeitos é definida pelas relações de poder, que são cada vez mais simbólicas e discursivas. Neste entendimento, o poder é um exercício ou mesmo a

⁵ Baptista, M. “O quê e o como da investigação em Estudos Culturais”, in Baptista, M. (ed.), *Cultura: Metodologias e Investigação*, Col. Cultura Portuguesa – Declinações Latino-Americanas, nº3, Ver o Verso e CLC, 2009

⁶ Hall, S. “A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo”, in Thompson, K. (org.), *Media and Cultural Regulation*. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997

⁷ Sardar, Z. e Van Loon, B. *Introducing cultural studies*. New York: Totem Books, 1998

forma de atuar do ser humano, e não uma propriedade deste⁸; a principal função do poder não é castigar ou punir, mas ligar os indivíduos numa espiral que implica um contrapoder – “não há relações de poder sem resistência [e] é essa mesma resistência que ajuda a intensificar o jogo do poder”⁹.

O poder opera nas instituições, nas organizações e no Estado, mas também no quotidiano dos indivíduos, na sua realidade social¹⁰. É neste tipo de relações que os Estudos Culturais possuem um interesse permanente, sobretudo na forma como o poder se infiltra e se posiciona, contaminando e delimitando as atividades dos indivíduos uns com os outros, e destes com o meio.

Para Foucault¹¹ a ideia do poder que vem “de cima para baixo” é substituída pela ideia de que os discursos estão envoltos em relações de poder, que o podem validar ou limitar, positiva ou negativamente. Assim, o poder deve ser entendido como um exercício que circula na sociedade e não como um fenómeno totalmente monopolizado por um centro. O poder intervém nos indivíduos e na sua vida quotidiana através de *micro* operações de poder ou *micro* níveis de relações de poder – dinâmicas relacionais que são estabelecidas pelos indivíduos e que se encontram ao nível da comunicação, da linguagem e dos discursos. Em suma, pode entender-se o poder como algo que opera através do discurso.

Foucault¹² trabalha o discurso como sistema de representação, indo ao encontro daquilo que fazem os Estudos Culturais. O filósofo preocupa-se com a produção de conhecimento e de sentido (e as suas práticas) dentro do discurso, pois embora existam coisas fora do discurso (existência real e material), nada faz sentido fora dele. Um pouco através deste caminho teórico segue o pensamento de Moisés Martins¹³, que vê o discurso como ocorrência, significado e originalidade, pois o discurso é compreendido como *acontecimento* e interpretado como *significação*.

⁸ Foucault, M. *Microfísica do Poder*. Com organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2010^a

⁹ Hernández, M. “Poder e Discurso”, in *Mañongo*, nº 26, 2006, p.216

¹⁰ Foucault, M. *Estratégia, poder-saber*. Organização de Manoel Motta. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006

¹¹ Foucault, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, 38ª ed. Petrópolis. Editora Vozes, 2010^b

¹² Foucault, M. *A Ordem do Discurso. Aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Col. Filosofia. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 1997

¹³ Martins, M. *A Linguagem, a Verdade e o Poder. Ensaio de Semiótica Social*, Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002

A partir da segunda metade do século XX, os *media* têm sido considerados um lugar excepcional de circulação de discursos de representação da sociedade, e têm-se mostrado importantes na construção identitária dos sujeitos e no estudo das relações de poder que circulam na sociedade. Atualmente, as questões de poder prendem-se simultaneamente com a identidade, sobretudo quando a identidade é vista como uma problemática que é criada, individual ou coletivamente, sob pressões discursivas sociais e mediáticas. De facto, os *media* são um espaço que reflete e cria as escolhas identitárias e que serve como ponto de referência dessas mesmas identidades, pois “mais do que um veículo de exposição de modos de vida, [os *media*] funcionam como um lugar decisivo no processo de construção de identidades”¹⁴.

Os meios de comunicação são uma forma de difundir representações da realidade, mas, acima de tudo, são uma forma de seleccionar quais as representações dessa mesma realidade que podem ou devem ser disseminadas. Contudo, independentemente do poder ideológico de determinadas representações mediáticas, no final, é cada indivíduo que escolhe com que texto ou imagem se identifica (ou se quer identificar) e qual o perfil que pretende adquirir.

No seguimento deste caminho teórico, David Gauntlett¹⁵ coloca uma questão fundamental: porquê explorar a relação entre *media*, identidade e género? Para o autor, os *media* e a comunicação são elementos centrais da vida moderna, enquanto o género (e a sexualidade) continuam a ser fundamentais para a forma como pensamos uma identidade. Já para Ghilardi-Lucena¹⁶, na atualidade, as representações de género nos *media* geram reflexões sobre a identidade do sujeito, transformando os meios de comunicação num lugar de implosão de identidade.

Nos meios de comunicação é frequente a circulação de discursos que representam a dualidade da identidade de género e validam o domínio masculino sobre o feminino. Na opinião de Pierre Bourdieu¹⁷, estes discursos têm fundamento histórico e, sobretudo, simbólico, pois a dominação masculina e a divisão de género assentam numa construção histórica baseada na sexualidade e numa construção social dos corpos que, validadas

¹⁴ Fischer, R. “Media e produção do sujeito: o privado em praça pública”, in Fonseca, T. e Francisco, D. (orgs.). *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2000, p.109

¹⁵ Gauntlett, D. *Media, Gender and Identity: An Introduction*. New York: Routledge, 2002

¹⁶ Ghilardi-Lucena, M. “Representações de género social nos media”, in *Discursividade, Web Revista*, CEPAD, n. 6, jul. Disponível em: <http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/06/Arquivos/LUCENA.pdf>, 2010

¹⁷ Bourdieu, P. *A Dominação Masculina*. Oeiras: Celta Editora, 1999

por mecanismos e instituições sociais (como a Escola, o Estado e a Igreja), contribuem para a eternização de simbologias seculares. Segundo esta visão, independentemente do sexo do indivíduo, qualquer elemento que seja apreendido está sujeito a “estruturas históricas de ordem masculina”¹⁸ incorporadas no inconsciente de percepção e de avaliação individual e social.

Para Susan Basow¹⁹, esta diferenciação de género é feita através de papéis comportamentais, ocupações, características físicas e traços de personalidade, o que conduz, muitas vezes, a estereótipos. No caso do género feminino, os *media* não refletem somente os valores e crenças sociais, mas contribuem para a construção da posição da mulher na sociedade, definindo e espelhando papéis sociais, e, acrescente-se, arquitetando diferentes perfis. Contudo, salienta-se que muitos dos textos e das imagens mediáticas são produzidos e distribuídos quase sempre num contexto de dominação masculina, tanto nos princípios de representação, como nas instituições, o que significa que as mulheres são apresentadas e definidas por aqueles a quem estão subordinadas²⁰. Contudo, isto não implica que se houvesse um maior número de mulheres a produzir conteúdos mediáticos isso imediatamente significaria o afastamento da masculinidade. Para que a mudança fosse efetiva, haveria necessidade de uma adaptação social que passaria não só pela produção de conteúdos mediáticos, mas também pelas audiências.

Neste ponto, percebe-se que o discurso de género que circula nos meios de comunicação é representativo de uma determinada prática social e de um determinado contexto, pelo que, quando é analisado, deve ter em consideração: as representações e as recontextualizações dessa mesma prática social; e as (re)construções identitárias que estão associadas a aspetos individuais ou sociais da identidade, a papéis identitários e a determinados perfis (se se entender a identidade de género como uma *performance* e não como um atributo).

Segundo Ceulemans e Fauconnier²¹ a dualização tradicional do conceito de género nos meios de comunicação pode ser analisada através de dois caminhos: a forma como os

¹⁸ Bourdieu, P. *A Dominação Masculina*. Oeiras: Celta Editora, 1999, p.5

¹⁹ Basow, S. *Gender: Stereotypes and Roles*. 3ª ed. California: Brooks/Cole Publishing Company, 1992

²⁰ Mota-Ribeiro, S. e Pinto-Coelho, Z. “Imagens de mulheres na imprensa portuguesa”, in *Atas do IV Congresso da SOPCOM*. Aveiro: Universidade de Aveiro. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/5308>, 2005

²¹ Ceulemans, M. e Fauconnier, G. *Image, rôle et condition sociale de la femme dans les médias : Recueil et analyse des documents de recherche*. Paris: Office des Publications de l’Unesco, n° 84. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001343/134357fo.pdf>, 1979

media projetam a imagem da mulher, e a participação efetiva da mulher na produção das mensagens que os *media* difundem. No caso específico desta investigação, segue-se a segunda via proposta, analisando-se o contributo dos textos escritos por mulheres no jornal *O Ilhavense*, na década de 1950.

2. Metodologia

Se olharmos para os Estudos Culturais como uma forma de intervir na realidade sem se desvincular da academia²², percebemos como a relação entre a teoria e o estudo empírico se pode revelar fulcral nesta área de estudos. Esta é a forma de colocar em prática aquilo que Hartley²³ considera ser o objetivo dos Estudos Culturais: “(...) compreender como é que a cultura (a produção social do sentido e da consciência) devia ser especificada em si mesma e em relação à economia (produção) e à política (relações sociais)”. Foi com base neste pressuposto, que se optou, neste estudo, por analisar um estudo de caso à luz da teoria exposta²⁴.

A seleção de um jornal de Ílhavo como objeto de estudo prende-se com o facto de este espaço possuir uma composição social peculiar, marcada pela discussão de género, que concede um papel fundamental à mulher no decurso da vida quotidiana, e por muitos considerado um papel dominante em vários aspetos da vida social²⁵. Esta situação é fruto de uma herança histórica, fortemente marcada pela ausência de grande parte da população masculina do concelho, que embarcava, por longos períodos de tempo, nas campanhas da pesca do bacalhau. Para analisar as representações de poder e a hipótese de existência de identidades fluídas nesta sociedade específica, escolheu-se o jornal *O Ilhavense*, onde proliferam os discursos identitários, particularmente os escritos por mulheres.

Apesar do crescimento da atividade e da frota bacalhoeira serem constantes entre 1934 e meados da década de 1960, o auge da “Campanha do Bacalhau” dá-se por volta da

²² Almanza-Hernández, R. “Stuart Hall y el descenso a lo «mundano». Una forma de imaginar y practicar los estudios culturales”, in *Tabula Rasa*. Bogotá - Colombia, Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca, (8), 2008

²³ Hartley, J. *Comunicação, Estudos Culturais e Media: conceitos-chave*. [Coimbra]: Quimera, 2004, p.110

²⁴ Este artigo assenta numa fundamentação bibliográfica extensa e meticulosa, recolhida e analisada para alicerçar a dissertação de doutoramento em curso.

²⁵ As circunstâncias socioeconómicas de Ílhavo vão, por consequência, conduzir a conjunturas extremas, atingindo as mulheres condições de extraordinário limite cultural.

década de 1950²⁶, pelo que foi esta a década selecionada para executar o estudo. Assim, foram recolhidos todos os textos escritos por mulheres no jornal *O Ilhavense*, em seis anos da década de 1950, e analisados segundo diversas categorias, entre as quais se selecionou para este estudo: “tipo de tema”, “tipo de texto”, “sentido do discurso”, “tipo de linguagem”, “hierarquia” e “mulher de Ílhavo”²⁷. Esta seleção realizou-se de acordo com critérios previamente estabelecidos, identificados através da revisão bibliográfica, e que respeitam as necessidades do estudo. Posteriormente, os textos assim organizados foram meticolosamente distribuídos em grelhas e analisados através da técnica da análise de conteúdo, construída com base nas abordagens de Guerra²⁸ e Bardin²⁹.

3. Estudo de textos escritos por mulheres, n’*O Ilhavense*, na década de 1950

3.1. Apresentação dos dados

Para este estudo, foram analisados os números do jornal *O Ilhavense* correspondentes à década de 1950, sem recurso a programas informáticos de análise de dados. Os números dos jornais foram selecionados alternadamente – 1950, 1951, 1954, 1955, 1958 e 1959 – de forma a garantirem a representatividade, a diversidade e a saturação da informação. Este levantamento reuniu e analisou todos os textos, num total de 10104 peças escritas. Para o presente estudo, selecionou-se apenas, do conjunto de peças recolhidas, aquelas que foram escritas por mulheres.

O primeiro destaque é dado às ocorrências globais da década em estudo, visto que em 10104 peças que constituem o universo da investigação, apenas 182 foram escritas por mulheres, o que corresponde a 1,8% do total. Como se pode verificar no quadro 1, em todos os anos analisados, as percentagens de peças escritas por mulheres mantem-se abaixo dos 2,3%, o que revela uma presença reduzida da produção escrita feminina no jornal *O Ilhavense*.

²⁶ Garrido, Á. “O Estado Novo e a pesca do bacalhau: economia, política e ideologia”, in Garrido, Á. (coord), *A pesca do bacalhau: história e memória*. Lisboa: Editorial Notícias, 2001

²⁷ Note-se que as mulheres que escrevem neste jornal são, maioritariamente, mulheres de uma burguesia social. Contudo, a voz destas trespassa outras categorias sociais.

²⁸ Guerra, I. *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e formas de uso*. Cascais: Princípia Editora, 2010

²⁹ Bardin, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1991

Quadro 1 – Peças escritas por mulheres na década de 1950

Ano	Nº de peças escritas	Nº de peças escritas por mulheres	Percentagem de peças escritas por mulheres
1950 (ano 39)	1491	29	1,9%
1951 (ano 40)	1511	29	1,9%
1954 (ano43)	1892	44	2,3%
1955 (ano 44)	1711	24	1,4%
1958 (ano 48)	1699	28	1,6%
1959 (ano 49)	1800	28	1,6%
Total	10104	182	1,8%

Numa fase posterior foi possível analisar as categorias identificadas como fundamentais para esta investigação. Assim, para cada peça escrita por uma mulher, em cada número de jornal (no universo dos seis anos estudados), foram levantados e analisados dados referentes a seis dimensões fundamentais desses textos: “tipo de tema”, “tipo de texto”, “sentido do discurso”, “tipo de linguagem”, “hierarquia” e “mulher de Ílhavo”.

O “tipo de tema” refere-se, como o próprio nome indica, ao tema que envolve o texto em análise e que, por exemplo, pode ser “literatura”, “casamento/família”, “morte/luto”, “religião”, etc. Cada texto é também identificado segundo uma tipologia, pelo que podem tratar-se de “notas breves”, “poemas”, “entrevistas”, “agradecimentos”, “cartas”, entre outros. A análise previa também a identificação do “sentido do discurso” presente nos textos selecionados e que podia ser “crítico”, “laudatório”, “neutro” e “misto” (quando se tratasse de um texto representativo, simultaneamente, dos dois primeiros sentidos indicados).

O “tipo de linguagem” é outra das dimensões a ser considerada, na medida em que a linguagem identificada nos textos pode ser “conotativa” ou “denotativa”. No caso da “hierarquia”, identifica-se a visibilidade, através da leitura dos textos, de qualquer tipo direto de hierarquia social (se há ou não uma clara estratificação de classe social nos textos) ou de género (se há ou não uma clara estratificação, tanto do género masculino como do feminino, nos textos). Finalmente, com a dimensão “mulher de Ílhavo”, procura-se questionar qual a origem das autoras dos textos.

Em relação à categoria “tipo de tema” foram analisados cerca de vinte níveis diferentes nos quais os textos puderam ser alocados. No quadro 2 mantiveram-se apenas os níveis

de maior ocorrência, inserindo-se e somando-se em “outros” todos os níveis com menos de seis ocorrências, tais como: “política/economia”, “tribunais/justiça”, “vida doméstica”, “vida marítima”, “beleza”, “saúde”, “infância”, etc. Como se pode observar ainda no quadro 2, os temas mais abordados pelas autoras das peças são a “literatura” e a “morte/luto”, com 78 (39% do total) e 38 (19% do total) ocorrências, respectivamente.

Quadro 2 – Ocorrências da categoria “tipo de tema” na década de 1950

Categoria	Níveis da categoria	1950	1951	1954	1955	1958	1959	Total	Total %
Tipo de tema	Literatura	10	15	27	11	9	6	78	39,0%
	Morte/ luto	4	5	5	3	6	15	38	19,0%
	Emigração	2	3	2	5	6	3	21	10,5%
	Casamento/ família	3	2	2	2	7	3	19	9,5%
	Religião	2	0	1	2	1	2	8	4,0%
	Outros	11	4	7	3	5	6	36	18,0%
Total		32	29	44	26	34	35	200	100%

Na análise da categoria “tipo de texto”, foram considerados cerca de onze níveis diferentes, dos quais se destacam os que possuem mais de seis ocorrências e que se encontram presentes no quadro 3. No nível “outros” encontram-se as restantes subcategorias: “conto”, “reportagem”, “entrevista”, “notícia” e “anúncio”. Neste quadro 3 verifica-se que as mulheres escrevem sobretudo “notas breves” (46 ocorrências ou 25,3% do total), “poemas” (45 ocorrências ou 24,7% do total) e “agradecimentos” (39 ocorrências ou 21,4% do total).

Quadro 3 – Ocorrências da categoria “tipo de texto” na década de 1950

Categoria	Níveis da categoria	1950	1951	1954	1955	1958	1959	Total	Total %
Tipo de texto	Nota breve	7	5	9	10	11	4	46	25,3%
	Poema	4	13	21	5	1	1	45	24,7%
	Agradecimento	3	6	5	4	4	17	39	21,4%
	Conto	5	2	0	3	4	4	18	9,9%
	Crónica poética	0	0	5	2	3	1	11	6,1%
	Informação pública/ aviso	6	1	0	0	1	0	8	4,4%
	Outros	4	2	4	0	4	1	15	8,2%
Total		29	29	44	24	28	28	182	100%

Já em relação ao “sentido do discurso”, a maioria das autoras das peças apresenta um discurso neutro (77 ocorrências ou 42,3% do total), tal como é apresentado no quadro 4.

Quadro 4 – Ocorrências da categoria “sentido do discurso” na década de 1950

Categoria	Níveis da categoria	1950	1951	1954	1955	1958	1959	Total	Total %
Sentido do discurso	Neutro	11	16	11	8	13	18	77	42,3%
	Crítico	8	5	25	5	8	2	53	29,1%
	Laudatório	10	4	6	8	4	6	38	20,9%
	Misto	0	4	2	3	3	2	14	7,7%
Total		29	29	44	24	28	28	182	100%

No quadro 5 apresentam-se os dados referentes ao “tipo de linguagem”, que pode ser “conotativa” ou “denotativa”. Aqui, apesar de haver uma pequena diferença entre os dois tipos de linguagem, apura-se que é mais utilizada a linguagem conotativa (103 ocorrências ou 56,6% do total) pelas mulheres que escrevem neste jornal. No que diz respeito à identificação de hierarquias de género e/ou social, com os dados apresentados no quadro 6 verifica-se que, apesar da presença de alguma hierarquia de género masculino, na esmagadora maioria dos casos não é identificado qualquer tipo de hierarquia (89,6 % do total).

Quadro 5 – Ocorrências da categoria “tipo de linguagem” na década de 1950

Categoria	Níveis da categoria	1950	1951	1954	1955	1958	1959	Total	Total %
Tipo de linguagem	Conotativa	14	17	35	14	14	9	103	56,6%
	Denotativa	15	12	9	10	14	19	79	43,4%
Total		29	29	44	24	28	28	182	100%

Quadro 6 – Ocorrências da categoria “hierarquia” na década de 1950

Categoria	Níveis da categoria	1950	1951	1954	1955	1958	1959	Total	Total %
Hierarquia	Não se deteta	22	26	41	22	26	26	163	89,6%
	Hierarquia de género (masculino)	3	2	0	2	1	2	10	5,5%
	Hierarquia de género (feminino)	3	1	3	0	0	0	7	3,8%
	Hierarquia	1	0	0	0	1	0	2	1,1%

	social								
Total		29	28	44	24	28	28	182	100%

A última categoria de análise é a que pretende identificar a origem das autoras das peças. Como se pode ver no quadro 7, a maior parte das mulheres (47,3% do total) é ilhavense.

Quadro 7 – Ocorrências da categoria “mulher de Ílhavo” na década de 1950

Categoria	Níveis da categoria	1950	1951	1954	1955	1958	1959	Total	Total %
Mulher de Ílhavo	Sim	12	10	15	13	17	19	86	47,3%
	Não	11	13	15	6	6	6	57	31,3%
	Não identificado	6	6	14	5	5	3	39	21,4%
Total		29	29	44	24	28	28	182	100%

3.2. Análise dos dados

As dimensões apresentadas nos quadros, e o conhecimento do objeto de estudo, permitem dar destaque a alguns dos dados que possibilitam uma análise mais aprofundada. Segundo o levantamento do tipo de tema, a “literatura” e a “morte/luto” são as áreas sobre as quais a maioria das mulheres se debruça e que merecem uma atenção detalhada em cada ano estudado.

No ano de 1950, o tipo de tema que se destaca é a “literatura”, associada a dois tipos de texto: o “poema” e o “conto”. O sentido do discurso que envolve este tipo de tema é maioritariamente “laudatório”, enquanto o tipo de linguagem relevante é a “conotativa”. Neste tipo de tema não se deteta hierarquia de género ou social e destaca-se o facto de a maioria dos poemas e contos não ter sido escrito por mulheres de Ílhavo.

Nos anos de 1951, 1954 e 1955, o tipo de tema que se destaca é também a “literatura”, associada ao “poema”. Em 1951, o sentido do discurso que envolve este tipo de tema é maioritariamente “neutro”; em 1954 é sobretudo “crítico”; e em 1955 não é relevante, pois alterna entre “laudatório”, “crítico” e “misto”. Para os anos referidos, a linguagem utilizada é principalmente a “conotativa”, não se deteta hierarquia de género ou social e destaca-se o facto de a maioria dos poemas não ter sido escrito por mulheres de Ílhavo.

No ano de 1958, o tipo de tema que se destaca é ainda a “literatura”, associada ao “conto”. O sentido do discurso que envolve este tipo de tema é sobretudo “crítico”, enquanto a linguagem é particularmente “conotativa”. Neste tipo de tema, não se deteta hierarquia de género ou social e destaca-se o facto de não se identificar, na maioria dos contos, se as suas autores são ou não mulheres de Ílhavo.

No último ano de análise – 1959 – o tipo de tema que se destaca é a “morte/luto”, associada a um tipo específico de texto: o “agradecimento”. O sentido do discurso que envolve este tipo de tema é maioritariamente “neutro”, a linguagem utilizada é “denotativa” e não se deteta hierarquia de género ou social. Aqui destaca-se o facto de a maioria dos agradecimentos lutuosos terem sido escritos por mulheres de Ílhavo.

3.3. Discussão dos dados

A análise resultante da contabilização e do cruzamento das categorias, em conjunto com a revisão bibliográfica já efetuada, permite que sejam agora discutidos os dados. Numa primeira instância, o cruzamento das dimensões da década de 1950 permite perceber que quando o tema escrito pelas mulheres é a “literatura”, os tipos de texto utilizados, são, maioritariamente, o “poema” e o “conto”. Esta opção deixa subentender que as escritoras destas peças revelam um discurso fortemente imaginário, emocional e sem esforço, muito à maneira da *literatura light*³⁰.

De facto, o espaço real, racional e político, de verdadeira intervenção social, ou até mesmo o espaço doméstico e familiar estão afastados da produção discursiva feminina, nestes jornais. Repare-se que as áreas de forte intervenção social como, por exemplo, “justiça/tribunais”, “estudos/educação” ou “trabalho/profissional”³¹ estão entre as menos referenciadas, mas também as áreas do mundo privado estão sub-representadas: num universo de 200 ocorrências, existem apenas 19 relativas ao “casamento/família” (ver quadro 2) e uma à “vida doméstica”³².

³⁰ Pereira, M. “Espelho meu, espelho meu: o reflexo social da literatura light”, in Jorge, V. (coord.), *Cultura light*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7602.pdf>

³¹ Reunidas, entre outras, na categoria “outros”, no quadro 2.

³² Reunida, entre outras, na categoria “outros”, no quadro 2.

Ainda analisando o tema da “literatura”, percebe-se que o sentido do discurso transita entre o “laudatório”, o “crítico”, o “neutro” e até o “misto”, pelo que os distintos sentidos dos discursos das autoras revelam que a posição destas mulheres, face às representações do mundo, é diversa. O mesmo não se pode dizer em relação à linguagem utilizada, que, no caso da temática da literatura é “conotativa”.

Neste ponto é fundamental perceber que, mais do que uma área de atuação ou de representação, que permite às autoras expressar a sua visão da realidade, a literatura é o único registo no qual as mulheres se sentem mais à-vontade. De facto, a literatura não é uma “coisa” feminina, visto que outros textos analisados nesta categoria estão repletos de autores masculinos, mas é através da literatura que o feminino se expressa. As autoras partilham um imaginário lírico, que lhes permite uma espécie de refúgio *light* para um mundo alternativo, onde escrevem maioritariamente sobre “coisa nenhuma”.

Um dos dados interessantes que sobressai destes cruzamentos é o facto de não se detetar, quer nos “poemas” quer nos “contos”, qualquer tipo de hierarquia social ou de género. Efetivamente, estes são os dois tipos de texto que libertam a mulher de pressões sociais e de relações de poder predominantemente masculinas. Facto interessante é que estas mulheres não são maioritariamente de Ílhavo, mas encontram aqui um espaço para exporem a sua identidade imaginária e marcadamente emotiva.

No que diz respeito ao tema da “morte/luto”, que vem sendo referido ao longo dos anos analisados, mas que ganha destaque no ano de 1959 (ver quadro 2), é particularmente interessante avaliar a ligação que existe com o tipo de texto a que está associado: o “agradecimento”. Trata-se aqui de entender que as mulheres são autoras de inúmeros agradecimentos lutosos pela morte de familiares, fazendo mesmo questão de assinar muitos dos textos.

Estas notas informativas lutosas, escritas por mulheres, revelam que um lado prático, mas simultaneamente umbrático, não deixa de pairar sobre o seu imaginário de mães, esposas e filhas. A necessidade de cuidar da família, de informar os outros e de não deixar passar em vão um ato tão violento (e simultaneamente tão natural), dão um carácter “neutro” aos seus discursos e uma simplicidade “denotativa” à sua linguagem. Aqui também não há espaço para o “poder hierárquico” e, ao contrário do que vimos com o tema da “literatura”, a “morte/luto” é um tema trazido para o espaço mediático sobretudo por mulheres que são de Ílhavo.

Efetivamente, Ílhavo é um espaço social onde os homens são vítimas do mar, por vezes demasiado cedo, pelo que as mulheres parecem especializar-se, por força das circunstâncias, em lidar com a morte e o luto, afastando-se da vertente lírica (como acontecia com a temática da “literatura”) e optando por uma via mais realista e prática. Esta visão tão pragmática da mulher de Ílhavo (e talvez de todas aquelas que vivem em comunidades piscatórias deste género) surge da necessidade de lidar tão abruptamente com duas condições tão extremas: a vida e a morte. As autoras destas notas ltuosas parecem demonstrar todas estas características, exaltando uma espécie de *endurance* identitária, muito sofrida por conta das circunstâncias, mas sobretudo muito naturalizada e pouco evasiva.

Se a análise for estendida a todas as categorias é interessante observar como as “notas breves” (ver quadro 3) se revelam o “tipo de texto” mais frequente. Se a este fenómeno se juntar o facto de a maioria dos discursos ter um sentido “neutro”, compreende-se que as mulheres que escrevem neste jornal são pragmáticas. Todavia, numa análise mais fina verifica-se que há determinados tipos de texto que evocam determinados tipos de discurso.

No geral, é importante ressaltar que os discursos destas mulheres, embora envoltos em relações de poder – que as afastam de matérias já referenciadas, como, por exemplo, as de funcionalidade sociopolítica –, estão aparentemente livres de relações tutelares e hierarquias (apesar de existir um número mínimo de ocorrências onde a tutela masculina se faz sentir, como se pode ver no quadro 6).

Em suma, a análise efetuada permite perceber que o feminino se expressa através da literatura e do discurso sobre a morte e/ou o luto. Esta afirmação vai ao encontro de uma realidade, envolta em relações de poder, que se fecha para as mulheres³³ e abre portas para os homens, pois nos jornais analisados, os homens seguem vários caminhos, penetrando em variadas áreas socioculturais, através de distintos tipos de texto. Já as mulheres parecem caminhar num sentido limitado, demonstrando ter uma espécie de identidade monocromática.

O homem tem, nestes jornais, várias possibilidades de atuação, e até vários papéis a adotar de acordo com as circunstâncias ou as temáticas que traz à discussão; já as vozes ou os perfis das mulheres são limitados. Esta é uma das formas de circulação do poder.

³³ Beauvoir, S. *O Segundo Sexo 2: A Experiência Vivida*. Lisboa: Bertrand Editora, 2008

De facto, apesar de não existirem hierarquias “visíveis” ou diretas nos discursos das mulheres, é possível entender os significados que estão por trás dos dados. Quando, num universo de 10104 textos, apenas 1,8% foram escritos por mulheres, e quando destes apenas algumas áreas lhes estão limitadas, emerge a ideia de que o mundo que representam possui dinâmicas *generificadas*, onde determinados temas estão simplesmente fora do alcance expositivo feminino.

A afirmação anterior vai ao encontro das posições de Mota-Ribeiro e Pinto-Coelho³⁴ e de Bourdieu³⁵ que preveem a limitação do género feminino em relação à dominação histórica e simbólica do género masculino. Contudo, tendo em conta a linha de pensamento teórico aqui seguida, não parece razoável afirmar que se houvesse, por exemplo, um maior número de mulheres a produzir conteúdos neste jornal, isso significaria a disseminação do género feminino em outros tipos de tema ou de texto e, paralelamente, em outros assuntos representativos da sociedade em questão.

Neste estudo, a identidade da mulher-autora não revela um perfil esperado de mãe, esposa ou educadora, mas sim de “mulher-emotiva/imaginativa” – com espaço literário de implosão, onde transparecem emoções através de diversos sentidos discursivos – e de “mulher-prática”, que discursa acerca da morte com uma simplicidade natural e um carácter meramente informativo ou socialmente codificado. No entanto, todas elas participam, de uma certa forma, de um processo de “não-identificação”, pois não deixam uma marca pessoal identitária nos seus textos.

Estas mulheres, que entendem que a vida quotidiana em geral (e as suas em particular) não tem interesse público, despersonalizam-se, criando um perfil social de “não-identificação”. Dentro desta dinâmica detetam-se três graus de “não-identificação”: “não-identidade”, “identificação por frequência” e “identificação mediada”. Os casos de “não-identidade” são relativos à maioria das autoras que se retiram da sua identidade escrevendo textos estereotipados ou socialmente codificados. Há contudo uma minoria (um ou dois casos) que abre espaço para uma assinatura, mas que estão ainda inseridas nos restantes dois graus de “não-identificação”.

³⁴ Mota-Ribeiro, S. e Pinto-Coelho, Z. “Imagens de mulheres na imprensa portuguesa”, in *Atas do IV Congresso da SOPCOM*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/5308>

³⁵ Bourdieu, P. *A Dominação Masculina*. Oeiras: Celta Editora, 1999

Nos textos analisados, foi encontrada, por exemplo, uma autora que deixou a sua marca na memória do leitor através do número de ocorrências e de uma certa fidelização estilística, vincando a sua identidade através de uma “identificação por frequência”. Há ainda o exemplo de uma outra mulher que evoluiu hierarquicamente no jornal, começando como simples poetisa e ascendendo a editora de página. Esta autora, que se escreve através dos discursos dos “outros”, possui o grau mínimo do discurso de identidade ao desenvolver uma “identificação mediada”.

Neste estudo surge uma questão pertinente: entrará esta mulher emotiva e imaginativa, e também prática e racional, em contraste com um homem lógico, crítico e político? Para responder a esta questão, seria necessária uma análise meticulosa aos textos escritos por homens, algo que este estudo não abrange. Todavia, esta investigação deixa transparecer que, no que diz respeito à temática da morte e/ou luto, tanto homens como mulheres estão num nível de igualdade permitida pela codificação dos textos. Em relação à temática da literatura, a mulher é mais evasiva, enquanto o homem consegue ter um papel mais crítico, deixando transparecer, por exemplo, um carácter moralizador nos contos e uma maior profundidade poética nos poemas. Fundamental é perceber que, apesar desta dualidade da identidade de género, os discursos destas autoras representam diferentes consciências que lhes permitem atuar ou desempenhar as distintas *performances* identitárias apontadas.

Conclusões

Com este estudo foi possível determinar quais as áreas tratadas pelas autoras do jornal *O Ilhavense*, e de que forma esses discursos são uma representação das tipologias de identidade que estas mulheres revelam e que se encontram demasiado envolvidas em relações de poder de género.

As autoras das peças textuais, que veem na literatura o seu registo de eleição, apresentam um discurso fortemente imaginário e catártico, que se afasta de uma possibilidade de intervenção sociocultural. Em contraste com este registo, deteta-se um discurso mais realista e prático na forma de lidar com a morte e/ou o luto, que abandona o imaginário lírico que envolve a temática da literatura. Estas posições adotadas pelos

discursos das autoras deixam transparecer três tipos de perfis identitários da mulher: “mulher-emotiva/imaginativa”, “mulher-prática”, e “não-identificação”.

A preferência pela não-complexidade discursiva nos seus textos conduziu as mulheres em estudo por três caminhos de “não-identificação” identitária – “não-identidade”, “identificação por frequência” e “identificação mediada” – que se distinguem, no geral, pelas diferentes formas e capacidades de deixar uma marca identitária nos textos. De qualquer forma, esta “não-identificação”, presente na maioria das autoras, releva que as mulheres que escrevem n’*O Ilhavense* encerram num grau mínimo do discurso de identidade.

No que diz respeito à questão da dualização de género e às relações de poder, percebe-se que as possibilidades das mulheres se encontram limitadas, pois estas escrevem apenas sobre dois temas – “literatura” e “morte/luto” –, demonstrando uma espécie de identidade monocromática. As múltiplas possibilidades de atuação estão a cargo dos homens a quem é, naturalmente, permitida uma incursão por diversas temáticas socioculturais.

Interessante é perceber que a divisão entre o masculino e o feminino não é visível quando o tema é a morte e/ou o luto, visto que ambos seguem uma formulação textual *standard*. Contudo, é a temática da literatura que facilita uma divisão entre a mulher sonhadora, evasiva e emotiva e o homem moralista, poético e crítico.